

**CELEBRANDO 13 DE MAIO EM UM TERREIRO DE PARINTINS (AM):
RELIGIÕES, AFRICANIDADES E RESISTÊNCIAS****CELEBRATING MAY 13 IN A TERREIRO IN PARINTINS (AMAZONAS):
RELIGIONS, AFRICANITIES AND RESISTANCE****CELEBRANDO EL 13 DE MAYO EN UNO TERREIRO DE PARINTINS (AM):
RELIGIONES, AFRICANIDADES Y RESISTENCIAS**Diego Omar da Silveira¹Helon da Silva Coelho²Renan Jorge Souza da Mota³Yandreí Souza Farias⁴Roberlan Melo da Silva⁵

13 de maio é, cada vez, mais uma data em disputa. Consagrada pela história oficial como o dia da abolição da escravidão no Brasil, ela tem sido duramente criticada pelo movimento negro no âmbito da luta antirracista e da descolonização do imaginário. Progressivamente, passa-se da comemoração para leituras críticas e apropriações muito plurais que ressaltam a luta contra a escravidão, a resistência negra, as culturas vindas da África com os diferentes grupos sequestrados de sua terra pelo tráfico negreiro (SAMPAIO, 2011).

O presente ensaio foi realizado em 2019, no Terreiro Ogum Beira-Mar e Cabocla Mariana, em Parintins, Amazonas. Convidados a fotografar o evento, nos vimos, de repente, participando,

¹ Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Trabalha atualmente como professor assistente no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenou a Regional Norte da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). É membro da Rede de Pesquisa: História e Catolicismo no mundo contemporâneo e do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES). E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2646291847306206> e Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6835-3417>

² Graduado em Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: heloncoelho@hotmail.com.

³ Graduado em Comunicação Social – Jornalismo e mestrando em Sociedade e Cultura na Amazônia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Produtor audiovisual e fotógrafo. Tem se dedicado à pesquisa em sociologia da religião e folkcomunicação carismática no Amazonas. E-mail: renanjorge1771@gmail.com.

⁴ Graduado em Comunicação Social – Jornalismo e mestrando em Sociedade e Cultura na Amazônia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: yandreifarias@gmail.com.

⁵ Graduado em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e professor da rede pública de ensino em Parintins (AM). E-mail: roberlan90@gmail.com

etnografando um momento no qual aquele povo se organizava para construir uma nova narrativa que assumia as heranças africanas da sua fé e propunha um debate sobre como lidar com a emergência de suas identidades (CARVALHO, 2010). Afinal, é preciso romper os silêncios em uma cidade que há tempos conta dezenas de terreiros, mas onde nunca houve uma única autodeclaração dos afroreligiosos nos censos demográficos (cf. SILVEIRA, 2019).

Sob liderança da mãe de santo e de um grupo de jovens, a “festa” começou com o acender das velas em torno das oferendas já dispostas, em uma espécie de invocação dos ancestrais (imagens 1 e 2), passou pela encenação de um monólogo por um Preto Velho ex-escravo e seu clamor de liberdade (imagem 3) e findou com a gira, na qual os presentes bailaram e cantaram com as várias entidades que baixaram no terreiro (imagens de 4 a 8). Ao final, estávamos todos convencidos de que se tratava de uma reelaboração narrativa, fortemente decolonial, sem a exaltação da Princesa Isabel. Ao contrário, Zumbi é quem foi mobilizado como símbolo da luta contra o cativo, em forte intersecção com as lutas dos negros de hoje (WILLIAM, 2019).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Jorge. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: UFRGS, ano 7, n. 15, 2001. pp. 107-147.

SAMPAIO, Patrícia Melo (org.). *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia*. BELÉM: Editora Açaí; CNPq, 2011.

SILVEIRA, Diego Omar da. Religiões contra-hegemônicas na Amazônia: desafios de um campo de pesquisas. *Senso*. Belo Horizonte: Grupo Senso, ed. 13, 2019. Disponível em <https://revista-senso.com.br>. Acesso em 29/11/2019.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).



Figura 1: Abertura dos trabalhos, recordando a vida dos negros durante o período da escravidão, invocando tanto as tristezas e sofrimentos provenientes do trabalho obrigatório quanto as heranças das culturas africanas nas Américas. Aqui a mãe-de-santo “bate ponto” para os pretos velhos, abrindo os caminhos de acesso ao sagrado ancestral. Foto: Renan Jorge Souza da Mota (2019).



Figura 2: Velas acesas e oferendas postas aos pretos velhos: frutas remetendo aos alimentos que a natureza fornecia aos negros. As velas invocando a presença do sobrenatural no terreiro. Foto: Yandrei Souza Farias (2019).



Figura 3: A representação do preto velho “Pai Benedito” que pediu a apresentação do Jongo/ Caxambu no terreiro. Trata-se, inicialmente, de uma representação, em que o jovem encena e performa um texto no qual a ênfase recai sobre a importância da consciência negra. Foto: Yandreí Souza Farias (2019).



Figura 4: As entidades começam a chegar no terreiro para a festa. Cessa a representação e abrem-se os trabalhos espirituais. A mãe-de-santo passa a coordenar os trabalhos. Foto: Helon da Silva Coelho (2019).



Figura 5: Os filhos de santo em dança, ao som dos tambores. Gira de santo em formação. Foto: Helon da Silva Coelho (2019).



Figura 6: Mãe Sofia, convidada, começa a cantar os pontos, em frente ao tambor. Axé para saudar no dia 13 os pretos velhos. Foto: Yandreí Souza Farias (2019).



Figura 7: Samba de roda para os pretos velhos. O terreiro está em festa. Foto: Yandrei Souza Farias (2019).

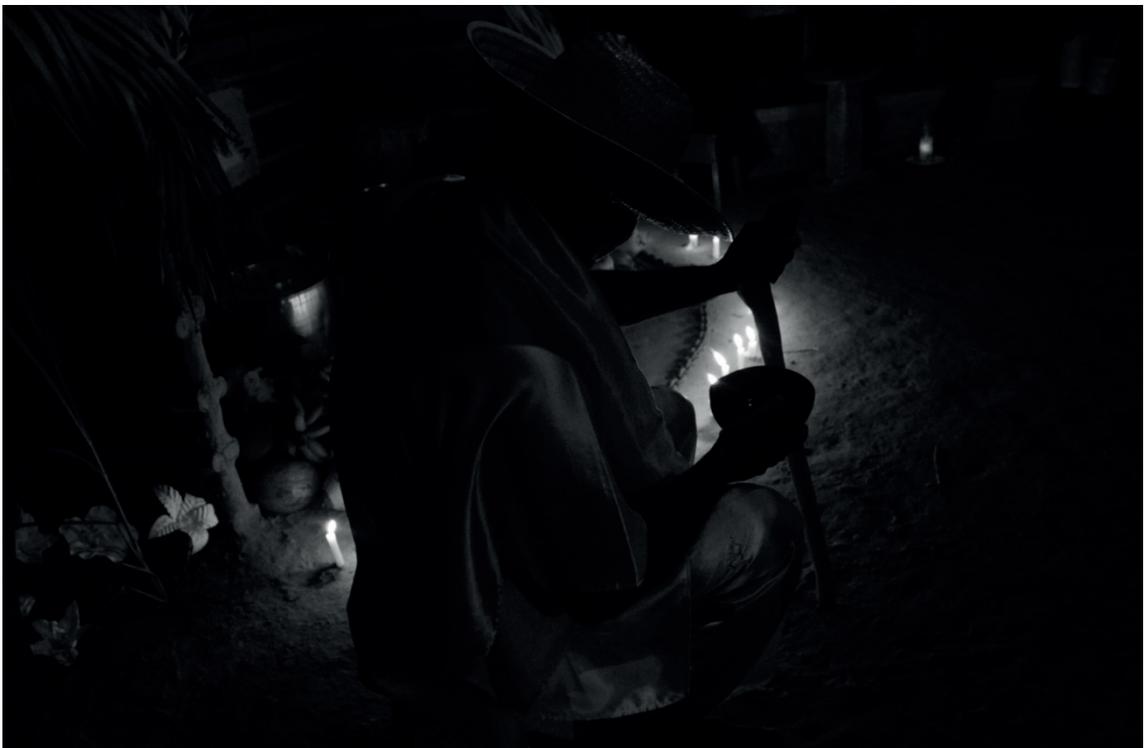


Figura 8: Preto velho incorporado tomando café na cua adoçado com mel de cana (melaço). Foto: Yandrei Souza Farias (2019).